

# O Califa Cegonha

*Tradução de Erica Foerthmann Schultz*

Uma bela tarde, o califa Cegonha estava sentado comodamente em seu sofá. Havia dormido um pouco, pois o dia estava quente e sua aparência era muito boa após a soneca. Fumava um cachimbo longo de pau-rosa, de tempos em tempos tomava um cafezinho que seu escravo lhe trazia, confiava a barba quando o café estava gostoso. Em suma, percebia-se que o califa estava feliz e satisfeito. Era uma boa ocasião para falar com ele, pois estava sempre bem disposto em momentos assim, razão pela qual Mansor, seu Grão-Vizir, o procurava diariamente neste horário. Apareceu também naquela tarde, mas parecia pensativo, bem diferente do que era seu hábito. O califa colocou o cachimbo para um lado da boca e perguntou:

– Que semblante preocupado é esse, Grão-Vizir?

O Grão-Vizir cruzou os braços diante do peito, curvou-se diante de seu senhor e respondeu:

– Ó soberano, não sei se minhas feições parecem preocupadas, mas lá fora, perto do palácio, há um mercador que oferece coisas tão belas que fico incomodado de não ter dinheiro suficiente.

O califa, que há muito desejava fazer um agrado para seu Grão-Vizir, enviou seu escravo negro para chamar o mercador. Logo o escravo retornou em companhia do comerciante, um tipo miúdo, gordo, de rosto bem moreno e em trajes andrajosos. Carregava uma caixa repleta de mercadorias: pérolas e anéis, pistolas ricamente adornadas, cálices e pentes. O califa e seu vizir examinavam tudo e o califa comprou belas pistolas para ambos, além de um pente para a esposa do vizir. Justo no momento em que o mercador pretendia fechar sua caixa, o califa percebeu uma pequena gaveta e indagou se ali também havia mercadorias. O mercador pegou a gaveta e mostrou que continha uma lata

com um pó escuro e um papel com uma escrita estranha que o califa e o vizir não conseguiam decifrar.

– Recebi duas delas de um vendedor de rua em Meca– declarou o mercador. Não sei o que elas contêm, estão à disposição dos senhores por um preço baixo, porque não sei o que fazer com elas.

O califa, que colecionava manuscritos antigos em sua biblioteca, embora nem sempre conseguisse decifrá-los, comprou o documento e a lata, dispensando o mercador. Porém o ele queria saber o que estava escrito no papel e perguntou ao vizir se ele conhecia alguém que pudesse descobrir seu conteúdo.

– Honrável Senhor e Soberano, – retrucou – na grande mesquita vive um homem de nome Selim, o Sábio, que entende todas as línguas, convoque-o, talvez conheça estes caracteres misteriosos.

Em breve Selim, o Sábio, estava diante do califa.

– Selim, – dirigiu-se a ele o califa – dizem que és muito sábio. Examine este documento. Se puderes ler o que está escrito, ganharás um traje de festa. Se não conseguires, receberás doze golpes no rosto e vinte e cinco na sola dos pés, pois és chamado inutilmente de Selim, o Sábio.

Selim curvou-se respeitosamente e falou:

– Seu desejo é uma ordem, Senhor!

Examinou por longo tempo o documento e de súbito exclamou:

– É latim, meu Senhor, quero ser enforcado, se não for latim!

– Diga-me o que contém – ordenou o Califa – se de fato é latim.

Salim começou a traduzir:

– Rogue pela misericórdia de Alá aquele que me encontrar. Quem aspirar o pó desta lata e pronunciar a palavra *mutabor* poderá se transformar em animal e entenderá também a sua fala. Caso queira retornar à condição humana, deve voltar-se três vezes em direção ao Oriente e recitar a palavra mágica. Mas não ouse rir ao se transformar, pois ela será esquecida e a forma humana não será recuperada.

O califa ficou extremamente satisfeito com a leitura de Selim, o Sábio. Comandou que o estudioso jurasse jamais revelar o segredo a ninguém, presenteou-lhe com um belo traje e o dispensou. Porém a seu Grão-Vizir, exclamou:

– Que boa compra, Mansor! Não posso esperar por me transformar em um animal. Venha a meus aposentos pela manhã, em seguida iremos ao campo, aspiraremos conteúdo da lata e escutaremos o que se comenta no ar e na água, na mata e na campina.

O califa Chasid mal havia feito sua refeição matinal e trocado de roupa, quando o Grão-Vizir se apresentou. O califa colocou a lata em seu cinturão e, após ordenar a seus servos que não o seguissem, partiu com seu conselheiro. Inicialmente percorreram os amplos jardins do palácio, na busca infrutífera por algum ser vivo digno de ser objeto de magia. O vizir, por fim, sugeriu o lago,

onde muitas vezes observara cegonhas que despertavam sua atenção por seu ar circunspecto e pela maneira como batiam os bicos.

O califa aceitou a sugestão de seu ministro e juntos partiram em direção ao lago. Ao chegarem, viram uma cegonha andando garbosa de um lado para o outro, caçando sapos e movendo o bico. Observaram também outra cegonha voando alto pelo céu.

– Aposto por minhas barbas, ó meu Soberano, – falou o Grão-Vizir – que os dois pernaltas estão conversando animadamente. Que tal nos transformarmos em cegonhas?

– Ótima sugestão – respondeu o califa. Mas antes vamos guardar na memória o modo de volta à forma humana. Lembrei! Curvar-se três vezes para o Oriente e falar *mutabor*, assim seremos novamente califa e vizir. Mas não devemos rir, do contrário, estaremos perdidos!

Ao falar, o califa viu a outra cegonha descer do alto e dirigir-se lentamente ao chão. Tirou rapidamente a lata do cinturão, aspirou profundamente e ofereceu-a ao Grão-Vizir, que fez o mesmo, e ambos falaram: *mutabor!*

Suas pernas imediatamente encolheram, ficaram finas e vermelhas, as belas pantufas amarelas do Califa e seu acompanhante se transformaram em patas de cegonha, os braços viraram asas, o pescoço saiu de seu eixo e ficou do tamanho de um braço, a barba havia desaparecido e corpo estava coberto de penas.

– Que belo bico, Sr. Grão-Vizir, – exclamou espantado o Califa. Pelas barbas do Profeta, jamais vi algo assim em minha vida.

– Meus humildes agradecimentos – retrucou o Grão-Vizir e fez uma reverência, –mas ousou dizer que Sua Alteza é quase mais bonito como cegonha do que como califa. Permita-me sugerir que ouçamos a nossos companheiros do lago, para descobrir se realmente entendemos cegonhês.

Enquanto falavam, a outra cegonha havia aterrizado e, enquanto limpava as patas com o bico e ajeitava as penas, dirigiu-se à primeira cegonha. As duas novas aves correram para se aproximar e espantadas ouviram a seguinte conversa:

– Meus bons dias, Senhora Pernalta, já tão cedo na campina?

– Saudações, prezada Senhora Bicuda, só queria fazer uma refeição ligeira. Está servida com um pedacinho de lagartixa ou uma coxinha de rã?

– Muito lhe agradeço, mas não tenho sombra de apetite. Meus motivos para vir para a campina são bem outros. Hoje devo dançar diante dos convidados de meu pai e pretendo ensaiar com certa privacidade.

Dito e feito; a jovem cegonha executou lindos passos pelo campo, seguida pelos olhares espantados do califa e Mansor. Mas os dois não puderam se conter quando ela, em pose de bailarina, ficou equilibrada em uma só pata, enquanto batia graciosamente as asas. Uma gargalhada incontrolável saiu de seus bicos, da qual levaram longo tempo para se recuperar. O califa foi o primeiro a voltar a ficar sério:

– Impagável, – gritou ele – não há ouro que pague por uma cena dessas, pena que nosso riso espantou os animais, do contrário teriam cantado um pouco mais.

Naquele momento, o grão-vizir percebeu que o riso estava proibido durante a transformação e comunicou seu receio ao califa:

– Por Meca e Medina! Seria uma brincadeira de muito mau gosto, se tivesse de permanecer cegonha para todo o sempre! Trate de lembrar-se da palavra, esqueci completamente.

– Curvar-se três vezes em direção ao Oriente e falar: *mu-mu-mu...*

Os dois se voltaram ao Oriente, curvaram-se imediatamente, o que fez com que seus bicos quase tocassem o chão, mas – que dó! – a palavra mágica lhes fugia e por mais que o califa se curvasse, por mais ardentemente seu vizir gritasse *mu-mu*, não havia modo de recuperarem a lembrança e o pobre Chasid e seu vizir continuavam a ser cegonhas.

Entristecidos, os enfeitados percorriam a campina, sem saber o que fazer em seu desalento. Não podiam abandonar suas formas de cegonha, não podiam voltar para a cidade e se identificar, pois quem teria acreditado que uma cegonha era o califa e, mesmo que acreditassem, qual habitante de Bagdá haveria querer ter uma cegonha por governante?

Assim passaram vários dias percorrendo os campos, alimentando-se pobremente de algumas frutinhas que mal conseguiam engolir devido a seus bicos longos. Não tinham o menor apetite por lagartixas e rãs, pois temiam embrulhar os estômagos com tais guloseimas. A única alegria que tinham diante de sua condição é que podiam voar e assim voaram sobre os telhados de Bagdá, para ver o que acontecia por lá.

Nos primeiros dias, observaram grandes perturbações e tristeza pelas ruas, mas cerca de quatro dias após sua transformação, sentados sobre o palácio do califa, viram um suntuoso cortejo percorrer a rua. Soavam tambores e pífaros, um homem coberto por um manto escarlate com bordados em ouro estava montado em um cavalo enfeitado, cercado por servos bem trajados. A metade da população de Bagdá corria atrás dele e todos gritavam: "Viva, Mirza, o soberano de Bagdá!"

As duas cegonhas pousadas no telhado do palácio se entreolharam e o califa Chasid falou:

– Percebes agora, porque estou enfeitado, Grão-Vizir? Mirza é o filho de meu arqui-inimigo, o poderoso Mago Kaschnur, que prometeu vingança em uma hora difícil. Mas não vou perder as esperanças. Venha comigo, fiel companheiro de meu infortúnio, peregrinemos até a tumba do Profeta, o lugar sagrado talvez possa nos liberar do feitiço.

Alçaram voo do telhado do palácio e voaram em direção a Medina.

Não conseguiam voar direito, pois as duas cegonhas tinham pouca experiência nesta atividade.

– Meu amo,– gemeu o vizir após algumas horas – não aguento mais, se me permite dizer. Voais demasiadamente rápido. E já se faz tarde, deveríamos buscar abrigo durante a noite.

Chasid atendeu o pedido de seu ministro e, ao avistar no vale uma ruína que parecia garantir abrigo, decidiu refugiar-se nela. O local onde passaram a noite parecia ter sido um palácio. Colunas imponentes destacavam-se em meio às ruínas, diversos aposentos, que parecia estar bem conservados, testemunhavam o antigo esplendor do lugar. Chasid e seu acompanhante percorreram os corredores em busca de um lugar seco, mas subitamente Mansor, a cegonha, se deteve.

– Amo e senhor,– sussurrou ele – é uma tolice um grão-vizir (e que dirá uma cegonha) ter medo de fantasmas! Mas é muito estranho, pois aqui ao lado posso ouvir claramente soluços e gemidos.

O califa também parou e percebeu nitidamente um choro fraco, mais semelhante ao de uma pessoa, do que de um animal. Cheio de expectativas, dirigiu-se ao lugar de onde vinham os gemidos, mas o vizir agarrou sua asa com o bico e implorou que não enfrentasse perigos desconhecidos. Em vão! O califa, que sob suas asas de cegonha possuía um coração valente, libertou-se dele à custa de algumas penas e apressou-se pelo corredor sombrio. Em breve chegou diante de uma porta que parecia estar apenas encostada e através da qual se ouviam claros suspiros e um soluçar. Abriu a porta com o bico, mas permaneceu espantado na soleira da porta. No quarto em ruínas, parcamente iluminado por uma pequena janela gradeada, havia uma grande coruja noturna no chão. Grossas lágrimas rolavam de seus grandes olhos arredondados e uma voz rouca emitia lamentos através de seu bico torto. No entanto, ao avistar o califa e o grão-vizir, que também se aproximara do quarto, soltou um grande grito de alegria. Delicadamente limpou as lágrimas de seus olhos com suas asas marrons e, para grande espanto de ambos, falou em claríssimo árabe:

– Bem vindas, ó cegonhas! Sois um bom augúrio de minha salvação, pois cegonhas deverão me trazer muita sorte, tal foi a profecia!

Quando o califa se recuperou da surpresa, curvou-se com seu longo pescoço, conduziu os pés finos para uma posição graciosa e disse:

– Coruja! Por tuas palavras acredito estar diante de uma companheira de infortúnio. Ah, mas a esperança que possamos te salvar é vã. Poderás ver nosso desamparo ao ouvir nossa história.

A coruja pediu a contassem, no que imediatamente foi atendida pelo califa. Ao terminar o relato, ela agradeceu e disse:

– Ouvi também minha história e vede que sou tão infeliz quanto vós. Meu pai é o rei da Índia, eu, Lusa, sou sua única e infeliz filha. O mago Kashnur, que vos enfeitiçou, também causou minha infelicidade. Certo dia veio a meu pai e solicitou minha mão para seu filho Mirza. Porém meu pai, um homem impulsivo, jogou-o pelas escadas. Mas o infeliz conseguiu aproximar-se de mim ao

assumir uma identidade falsa. Certa vez, quando planejava tomar um refresco no jardim, trouxe-me, disfarçado de escravo, uma bebida que me transformou nesta pavorosa figura. Ao desmaiar de pavor, transportou-me para cá e gritou, com uma voz terrível, em meus ouvidos:

– Assim permanecerás até o final, feia e desprezada até pelos animais ou quando alguém livremente te aceitar como esposa, com a aparência que tens agora. Esta é minha vingança contra ti e teu orgulhoso pai. Passaram-se muitos meses desde então. Vivo só e triste como única habitante destas muralhas, desprezada pelo mundo, horrível até para os animais. A bela natureza me é vedada, pois sou cega durante o dia e o véu que encobre meus olhos só se afasta quando a lua lança sua luz pálida pelas ruínas. Ao ouvir o relato da princesa, o Califa estava absorto em pensamentos.

– Salvo engano, – falou ele – nossas desgraças estão relacionadas, mas onde encontro a chave para teu enigma?

– Ò, soberano! – respondeu ela. Tenho a mesma impressão, pois quando era muito jovem, uma mulher sábia profetizou que uma cegonha me traria grande felicidade e que eu poderia conhecer a fórmula de nossa salvação.

O Califa ficou muito surpreso e queria saber mais.

– O mágico que trouxe nossa infelicidade – contou ela – visita todos os meses estas ruínas. Não muito longe de meu aposento há um salão, onde ele costuma fartar-se com seus cúmplices. Muitas vezes ouvi suas conversas, em que narram suas ações nefastas. É possível que venha a pronunciar a palavra mágica esquecida.

– Cara princesa – exclamou o califa – diga *quando* ele virá e *onde* fica o salão! A coruja silenciou por uns instantes e então falou:

– Perdoei, mas só poderei atender seu pedido sob uma condição.

– Diz logo, diz logo – implorou Chasid. – Atenderei qualquer pedido.

– Acontece que também quero ser libertada, mas só será possível, se um de vós casar comigo.

As cegonhas pareciam estar um pouco aturdidas com a proposta e o califa fez um sinal a seu conselheiro, para que sáisse por uns instantes da sala.

– Grão-vizir – falou o califa perto da porta – é uma proposta complicada, mas podes ficar com ela.

– De que maneira, – revidou – para que minha esposa me arranque os olhos quando chegar em casa? Sou um velho e o senhor jovem e solteiro, sem impedimentos em pedir a mão de uma bela e jovem princesa.

– Eis o problema – suspirou o califa, baixando tristemente as asas –, quem diz que ela é jovem e bonita? É muito arriscado.

Passaram um longo tempo deliberando sobre o assunto, mas o califa, ao perceber que seu vizir preferia passar o resto da vida como cegonha a casar com uma coruja, decidiu aceitar a proposta. A coruja estava satisfeitíssima.

Confessou que era o melhor momento para estar no castelo, pois era provável que os magos se reuniram naquela mesma noite.

Seguida pelas duas cegonhas, ela se retirou do aposento, para conduzi-las ao salão. Percorreram um corredor escuro até serem ofuscados por um clarão de luz vindo de um muro quase em ruínas. Ao chegarem lá, a coruja aconselhou que permanecessem em silêncio. Estavam perto de uma brecha que permitia que observassem um grande salão, circundado por colunas e ricamente ornamentado. Muitas luzes coloridas substituíam a luz do dia. Pratos saborosos cobriam a mesa redonda ao centro. Um sofá, no qual estavam sentados oito homens, circundava a mesa. Entre eles, as cegonhas reconheceram o mercador que havia vendido o pó mágico. O homem sentado a seu lado solicitava que contasse sobre suas mais recentes proezas. Entre outras tantas histórias, contou também a do califa e seu vizir.

- Qual foi a palavra que o senhor ensinou para eles, perguntou o outro mago.
- *Mutabor*, uma palavra latina bem difícil.

As cegonhas, ao ouvirem a palavra pela fresta do muro, mal podiam de tanta alegria. Correram tão rapidamente com suas longas patas em direção ao muro da ruína, que a coruja quase não conseguiu alcançá-los. Diante dele, o Califa falou emocionado para a coruja:

- Salvadora de minha vida e da vida de meu amigo. Em agradecimento eterno pelo que fizeste por nós, aceita-me como minha esposa!

Voltou-se então em direção ao Oriente. Por três vezes as cegonhas curvaram seus longos pescoços em direção ao sol que nascia atrás das montanhas. - *Mutabor!*, clamavam elas, e logo retomaram a forma humana. Soberano e vassalo, na euforia da retomada de suas vidas, se abraçavam aos risos e prantos.

Quem pode descrever o espanto que sentiram, quando olharam a seu redor? Uma bela mulher, coberta das mais belas joias, estava a sua frente. Sorridente, estendeu a mão para o Califa.

- Não reconheceis a coruja? - perguntou ela.

Era ela, sua beleza e porte encantaram o califa.

Os três partiram em direção a Bagdá. O califa encontrou entre suas roupas não apenas a lata com o pó mágico, mas também sua carteira. Na aldeia mais próxima, comprou o necessário para a viagem e logo chegaram aos portões de Bagdá. A chegada de Chasid provocou grande comoção. Acreditavam-no morto e o povo estava muito feliz em ter de volta seu amado soberano.

O ódio contra Mirza, o farsante, só cresceu. A multidão partiu para o palácio e prendeu o velho mago e seu filho. O mago foi enviado por Chasid para o mesmo aposento ocupado pela princesa enquanto era uma coruja e lá foi enforcado. Ao filho, porém, que desconhecia as feitiçarias de seu pai, foi dada a opção entre a morte ou a aspiração do conteúdo da lata. Uma boa dose, e a palavra mágica do califa transformou-o em uma cegonha. Chasid ordenou que o prendessem

em uma gaiola de ferro, que ficou exposta em seus jardins.

O califa Chasid e sua esposa, a princesa, tiveram uma vida longa e feliz. Suas horas mais alegres eram aquelas em que recebiam a visita do Grão-Vizir no período da tarde. Conversavam sobre suas aventuras como cegonha e, quando o califa estava bem disposto, animava-se a imitar o conselheiro em seu tempo de cegonha. Percorria a sala de um lado para o outro na ponta dos pés, fazia o som de um bico batendo, agitava os braços como se fossem asas e mostrava como ele se curvava em direção ao Oriente e gritava *mu-, mu*. Aos risos, o vizir ameaçava contar para a senhora Califa o que eles haviam discutido diante do quarto da Princesa *Coruja*.

Quando Selim Baruch terminou sua história, os comerciantes se mostraram muito satisfeitos.

– De fato, a tarde passou, sem que percebêssemos, comentou um deles enquanto fechava a cortina da tenda. – O vento do anoitecer está fresco e poderíamos avançar um bom pedaço do caminho.

Seus companheiros concordaram, as tendas foram desmontadas e a caravana prosseguiu sua jornada na mesma ordem do início. Cavalgaram durante quase toda a noite, pois os dias eram abafados, mas a noite era agradável sob a luz das estrelas. Os comerciantes tratavam o estranho como se ele fosse o mais estimado dos hóspedes. Um deles ofereceu-lhe almofadas, outro cedeu cobertas, um terceiro deu-lhe escravos. Em suma, era tratado como se estivesse em casa. As horas mais quentes do dia já haviam chegado e decidiram por unanimidade fazer um pouso para esperar o anoitecer. Após a refeição, reuniram-se e o mercador mais jovem voltou-se para o mais velho e disse:

– Selim Baruch nos ofertou ontem uma tarde das mais agradáveis. Como seria, Achmet, se contasses algo de tua longa vida, que certamente teve muitas aventuras. Ou talvez tenhas a contar a história de uma linda garota?.

Achmet permaneceu em silêncio após o convite, como se estivesse em dúvida sobre o que dizer, mas por fim começou a falar:

– Caros amigos! Seu companheirismo foi demonstrado durante nossa viagem e Selim também merece minha confiança. Assim sendo, vou contar para vocês um acontecimento em minha vida que não gosta de relatar para qualquer um: *A história do navio fantasma*.